

Discurso do presidente Tiago Matos Gomes na cerimónia da fundação do partido

Caros amigos,
Caros militantes,
Caros simpatizantes,
Caros convidados,
Caros representantes da comunicação social,

Em primeiro lugar quero agradecer profundamente a vossa presença, é um gosto ter aqui cada um de vós. Em segundo lugar o meu obrigado vai para os meus dois vice-presidentes, Tiago Romão e Rebeca Gradissimo, para o presidente da Juventude, João Sousa, e para o secretário-geral do partido a nível europeu, o Misha Shemly, que fizeram uma brilhante apresentação. Mas também quero agradecer muitíssimo a todos o militantes, que tanto têm contribuído para este novo projecto político. Obrigado a todos. Muito obrigado.

Neste Dia Internacional da Democracia, neste 15 de Setembro, nascem assim o Partido Democrata Europeu e o European Star Party. É um dia histórico, que vai ficar marcado como o da fundação deste partido transeuropeu e que marcará futuramente o seu aniversário e a rentrée política. Este é o partido que faltava à democracia portuguesa e europeia. Este é o partido que quer ser a verdadeira alternativa ao PS e ao PSD. Este é o partido do centro, que quer mudar a face do país e da Europa, que vai dar uma nova esperança aos portugueses e aos europeus. Somos o partido dos três grandes pilares e dos dois grandes valores. Dos três grandes pilares, porque somos o partido do centro, moderado e reformista. E dos dois grandes valores, porque somos um partido eurofederalista e ecologista.

Vamos aos três grandes pilares:

Somos do centro, estamos entre a social democracia e o social liberalismo. Estamos em Portugal entre o PS, de centro-esquerda, e o PSD, de centro-direita. E será entre essas duas forças partidárias que nos sentaremos quando entrarmos na Assembleia da República. E no Parlamento Europeu será entre o grupo parlamentar do S&D, onde está o

PS português, e o grupo parlamentar do PPE, onde está o PSD, que nos sentaremos, ou seja no grupo parlamentar do Renew Europe. Somos centristas na verdadeira definição da palavra. Não no sentido do CDS, onde não há centristas. Aliás, e aqui num à parte, poucos são os partidos em Portugal que têm o nome correcto: O Partido Socialista não é socialista, o Partido Social Democrata não é social democrata e o CDS, Centro Democrático Social, não é centrista. Mas adiante!

Somos moderados porque recusamos os extremismos e os populismos, à esquerda e à direita. Não nos revemos na esquerda identitária nem na direita conservadora. Temos políticas e propostas equilibradas, baseadas na evidência científica e em exemplos de sucesso praticados noutros pontos da Europa e do mundo. Recusamos os dogmas ideológicos, que tantas vezes travam a tomada de boas decisões. A nossa ideologia é alcançar o bem-estar da população e os meios para atingir essa meta é a evidência do melhor caminho para lá chegar. E esses meios podem ser diferentes dependendo de cada conjuntura, seja ela política, económica e/ou social, daí os dogmas ideológicos serem na maioria das vezes maus conselheiros na hora da tomada de decisão.

Somos reformistas, porque queremos de facto mudar o estado das coisas. Estamos profundamente descontentes com a apatia e a estagnação de Portugal e, em parte, da Europa. Mas já vamos à Europa. Foquemo-nos em Portugal. O país mal cresce desde o ano 2000. Os impostos têm aumentado e os serviços públicos estão em processo de contínua degradação. O caso do SNS é um dos mais evidentes e este Verão foi a prova disso mesmo. A Saúde será uma das nossas grandes paixões. É inadmissível que num país envelhecido não exista um eficaz Serviço Nacional de Saúde. Mas também na educação, na segurança, na fiscalidade... há que fazer reformas no sentido de melhorar a vida da população, ao invés de servir interesses corporativistas de algumas classes profissionais. Estamos aqui para mudar a forma como se governa, com reformas estruturais para termos um país que de uma vez por todas esteja no pelotão da frente entre os Estados da União Europeia. E é por isso que, ao contrário do que acontece com todos os outros partidos, nós pensamos no médio e longo prazo e é por isso que estamos a criar um plano com um alcance de 10 a 15 anos e não apenas para uma legislatura de 4 anos como acontece sempre.

E agora passando para os nossos dois grandes valores:

O primeiro: ecologia.

Nenhuma força política deste nosso tempo pode fazer propostas sem ter em mente a sustentabilidade do planeta, sem ter em consideração o meio ambiente. É por isso que este é um valor que vai atravessar todas as nossas políticas, nomeadamente as económicas, que são transversais a quase todas as áreas. Vamos olhar para o desafio das alterações climáticas como um profundo problema que tem de ser mitigado e, se possível, resolvido, mas também como uma oportunidade económica, como uma oportunidade, lá está, para fazer reformas e até algumas revoluções na forma como olhamos a nossa sociedade. Temos urgentemente de mudar de hábitos, desde a escala pessoal e familiar à escala de governos, Estados e continentes. Daí a escala europeia ser tão importante também para revolver este problema como, existindo uma federação, ter voz e poder para influenciar boas práticas no resto do mundo.

E passamos para o outro grande valor do nosso partido:

O eurofederalismo.

O eurofederalismo não é apenas uma vontade ou um capricho de uma amigos que acham que esta é uma boa ideia. Não. O eurofederalismo é uma necessidade. E é uma necessidade urgente. Ou a Europa se une politicamente e começa a falar a uma só voz para o resto do mundo e defende os seus interesses ou definhará, perderá ainda mais relevância no palco global e o caminho dos povos europeus ou do povo europeu, como eu prefiro dizer, será o das trevas. Nenhum Estado europeu, nem a Alemanha, o maior e mais rico, terá qualquer hipótese de competir com potências económicas, políticas e sociais como EUA, China, Índia ou de potências emergentes como Brasil, Indonésia, Rússia entre outros. Estamos a meio de uma ponte. Deixámos, na margem lá trás, há várias décadas, de ser Estados soberanos. E temos feito uma caminhada que nos levou até ao Tratado de Lisboa. E temos a outra margem ali à frente, onde está uma Federação Europeia. Não podemos ficar eternamente a meio da ponte, recuando e avançando uns metros, sem atingir a outra margem. Até porque não sabemos se a ponte não cai, de velha ou através de um ataque bombista vindo do seu exterior.

Mas países com tantos séculos, como Portugal, que tem quase 900 anos de História desde a fundação, vão saber unir-se? É realista? A realidade assim o obrigará, na minha opinião. Eu conto sempre uma história pessoal para as pessoas perceberem que tudo é possível, que não há impossíveis. Há 30 anos, em 1992, eu estava na Escola Europeia, em Bruxelas. E estão aqui hoje amigos desse tempo e dessa escola. Nas aulas de História, com um professor britânico, escocês, demos a II Guerra Mundial. Na minha sala de aula havia franceses e alemães. Alguns dos avós dos franceses tinham pertencido à Resistência Francesa e alguns dos avós dos alemães tinham pertencido ao exército nazi. Duas gerações depois estavam ali, juntos, na mesma aula. E no recreio jogavam à bola em conjunto e fumavam cigarros e outras coisas às escondidas. E nada foi mais devastador na Europa do que a II Guerra Mundial. Se aqueles franceses e alemães se tornaram amigos, nós em paz podemos realisticamente criar uma Europa Federal.

E eu falava há pouco de estarmos a meio da ponte, que é a actual União Europeia. Então e a soberania? Bom, estando a meio da ponte já só temos meia soberania. E talvez tenhamos perdido soberania em áreas que não fazem sentido e mantemos outras que não fazem sentido nenhum. Mas vejamos ainda outro problema. Na actual União Europeia a maioria das instituições não têm um cariz democrático, não são os povos que escolhem os seus decisores. Veja-se o caso da Comissão Europeia, quem escolheu Ursula Von Der Leyen? Ou o caso do Conselho da União Europeia, onde estão os ministros de cada tutela dos governos nacionais. Nada disto já faz sentido. Devem ser os europeus a escolher os seus representantes europeus e não os governos nacionais a fazê-lo. Ou seja, federalizar a Europa será democratizar a Europa.

É por isso que pretendemos ter um Presidente europeu eleito por todos os europeus, por sufrágio directo e universal, é por isso que pretendemos ter um governo europeu saído dos resultados do Parlamento Europeu que substitua a Comissão Europeia, é por isso que queremos que o Parlamento Europeu tenha iniciativa legislativa, é por isso que queremos que seja criado um Senado europeu, com dois senadores por Estado, eleitos pelos respectivos povos, que substitua o Conselho da União Europeia. É assim que aproximamos os europeus das instituições europeias, os governos nacionais não têm, na minha perspectiva,

legitimidade política para, em conversas de bastidores, decidirem quem é o ou a presidente da Comissão Europeia.

Mas com uma federação europeia Portugal deixa de ser Portugal? E a nossa soberania? Não deixa de ser irónico que muitas das pessoas que legitimamente fazem estas perguntas são as mesmas que não se importam nada da colonização cultural das Américas que Portugal sofreu nas últimas décadas. São os mesmos que compram marcas norte-americanas, que praticamente só ouvem música vinda do outro lado do Atlântico e que pouco ou nada consomem de Portugal e do resto da Europa. Pelo contrário, uma federação europeia poderá defender muito melhor as culturas locais, regionais e nacionais do que se faz hoje, com uma suposta soberania que já não existe.

Por outro lado, a federação europeia que o Partido Democrata Europeu defende é uma federação que dá uma grande autonomia aos seus Estados e que valoriza a cultura local. Não pretendemos uniformizar a Europa. Isso seria um profundo erro. A riqueza da Europa está precisamente na sua diversidade. No modelo que apresentamos, teremos sistemas educativos e de saúde para cada um dos Estados, como temos hoje. Claro que pode e deve haver coordenação, mas nunca um sistema de ensino único em toda a Europa, nem a Alemanha, que já é uma federação faz isso. Os Estados continuarão a ter os seus governos e a terem bastante autonomia em boa parte das áreas. Portugal continuará a ser Portugal. E até digo mais, os novos patriotas são os eurofederalistas. Só uma federação europeia poderá mais eficazmente defender a nossa língua, a nossa cultura e a nossa forma de ser e de estar.

E como actuará o nosso partido no dia-a-dia?

Bom, nós sabemos que ser moderado não está na moda, que posições populistas e extremistas chamam mais a atenção e que o facilitismo e o simplismo é mais facilmente captado e entendido. Mas nós faremos o nosso caminho, este projecto é uma maratona, não é um sprint. Estaremos muito próximos da sociedade civil. Nunca nos poderão acusar de aparecer apenas durante as campanhas eleitorais, vamos estar constantemente na rua, a falar com as pessoas comuns, como em reuniões com associações, ordens profissionais, organizações não governamentais e demais instituições. Vamos estar próximos das pessoas e de quem representar grupos de pessoas. Isto é essencial para que um partido não esteja

alheado da realidade. Vamos dar um especial enfoque aos problemas e anseios das classes médias, nunca esquecendo os mais desfavorecidos e aqueles que precisam de apoio para poderem ter acesso a uma mobilidade social.

O Partido Democrata Europeu, e a estrutura europeia, incentivará a que todos os militantes e simpatizantes participem activamente na vida do partido. Todos poderão participar na construção de propostas políticas, todos poderão integrar uma ou várias áreas do nosso governo sombra, a que chamamos governo democrata. Todos poderão integrar equipas operacionais, seja nos Recursos Humanos, nos Eventos, na Comunicação...

Queremos um partido vivo dentro e fora da estrutura que montámos. Vamos querer marcar a agenda política e mediática, bem como reagir à actualidade. Vamos dizer presente na vida dos portugueses e dos restantes europeus. Vamos ser a verdadeira alternativa ao centro. Vamos trazer um novo desígnio e uma nova esperança para o nosso país! Vamos colocar Portugal no topo da Europa!

Viva o Partido Democrata Europeu!

Viva o European Star Party!

Viva Portugal!

Viva a Europa!